

ESPERANDO A REVOLUÇÃO

Como é possível que “o mundo virado de ponta-cabeça” sempre consiga se *Endireitar*? Por que, como se fossem estações no Inferno, após a revolução sempre vem a reação?

Sublevação, ou a forma latina *insurreição*, são palavras usadas por historiadores para rotular revoluções *fracassadas* – movimentos que não percorrem o ciclo previsto: revolução, reação, traição, fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressor – a volta da roda da fortuna, o retorno da história repetidamente à sua forma mais elevada: coturno na cara da humanidade para sempre.

Ao deixar de seguir essa curva, a *sublevação*, o *levante* sugere a possibilidade de um movimento por fora e para além da espiral hegeliana daquele “progresso” que secretamente não passa de um círculo vicioso. *Surgo* – erguer-se, surgir. *Insurgo* – sublevar-se, levantar-se. Uma operação independente. Um adeus à maldita paródia da roda cármica, futilidade revolucionária histórica. O lema “Revolução!” sofreu uma mutação: não é mais um sinal de alerta, mas uma toxina, uma armadilha do destino pseudognóstica e maligna, um pesadelo no qual, não importa o quanto lutemos, jamais escaparemos do Aeon do mal, daquele íncubo, o Estado, um Estado após o outro, cada “paraíso” regido por um anjo mais maligno.

Se a História É “Tempo”, como ela diz ser, então a sublevação é um momento que se lança acima e para fora do Tempo, que viola a “lei” da História. Se o Estado É História, como ele diz ser, então a insurreição é o momento proibido, uma imperdoável negação da dialética. Ela dança no alto do poste e sai pela ventarola da tenda, uma manobra de xamã executada a partir de um “ângulo impossível” em relação ao universo. A História diz que a Revolução chega a ter “permanência”, ou ao menos duração, enquanto a sublevação é “temporária”. Nesse sentido, uma sublevação é como uma “experiência de apogeu” em oposição à consciência e à experiência “ordinárias”. Como os festivais, as sublevações não podem acontecer todos os dias – ou não seriam “extraordinárias”. Mas esses momentos de intensidade dão forma e significado para uma vida inteira. O xamã retorna – não se pode ficar no telhado para sempre –, mas as coisas mudaram, transformações e integrações ocorreram – criou-se uma *diferença*.

Você dirá que se trata de uma proposta desesperada. E o sonho anarquista, o estado sem Estado, a Comuna, a zona autônoma com *duração*, uma sociedade livre, uma cultura livre? Devemos abandonar essa esperança em troca de algum *acte gratuit* existencialista? A questão não é mudar a consciência, mas mudar o mundo.

Aceito isso como uma crítica justa. Mas, no entanto, eu faria duas objeções; primeiro, a *revolução* nunca chegou a realizar esse sonho. A visão ganha vida no momento da sublevação – mas assim

que “a Revolução” triunfa e o Estado retorna, o sonho e o ideal já foram traídos. Não desisti da esperança e nem da expectativa de mudança – mas desconfio da palavra *Revolução*. Segundo, mesmo que troquemos a abordagem revolucionária por um conceito de *insurreição que se transforma espontaneamente em uma cultura anarquista*, nossa situação histórica particular não é propícia a uma empreitada tão vasta. Absolutamente nada além de um martírio fútil poderia resultar agora de uma colisão de frente com o Estado terminal, o Estado megacorporação da informação, o império do Espetáculo e da Simulação. Suas armas estão todas apontadas contra nós, enquanto nossos poucos armamentos não encontram nada contra o que atirar, além de uma histerese, uma vacuidade rígida, uma fantasmagoria capaz de converter cada centelha em um ectoplasma de informação, uma sociedade rendida e regida pela imagem do Policial e do absorvente olho da tela de TV.

Em suma, não estamos tentando vender a TAZ como um fim exclusivo em si, substituindo todas as outras formas de organização, táticas e objetivos. Nós a recomendamos porque ela pode fornecer a qualidade de aperfeiçoamento associada à sublevação sem necessariamente levar à violência e ao martírio. TAZ é como uma sublevação que não se envolve diretamente com o Estado, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e que depois se dissolve para se refazer em outro lugar, em outro momento, *antes* que o Estado consiga destruí-la. Porque o Estado se preocupa essencialmente com a Simulação e não com a substância, TAZ pode “ocupar” essas áreas clandestinamente e realizar seus propósitos festivos por algum tempo em paz relativa. Talvez algumas pequenas TAZs tenham durado vidas inteiras por terem passado despercebidas, como enclaves rurais – porque jamais se interseccionaram com o Espetáculo, nunca apareceram fora daquela vida real que é invisível aos agentes da Simulação.

A Babilônia toma suas abstrações por realidades; precisamente *dentro* dessa margem de erro a TAZ pode vir a existir. Dar início a uma TAZ pode envolver táticas de violência e defesa, mas sua maior força está em sua invisibilidade – o Estado não pode

reconhecê-la porque a História não tem uma definição para ela. Assim que a TAZ é nomeada (representada, mediada), ela deve desaparecer, ela *irá* desaparecer, deixando para trás uma casca vazia, para brotar outra vez em outra parte, outra vez invisível por ser indefinível nos termos do Espetáculo. A TAZ é, assim, uma tática perfeita para uma era em que o Estado é onipresente e todo-poderoso e, no entanto, ao mesmo tempo repleto de fissuras e vazios. E sendo TAZ um microcosmo daquele “sonho anarquista” de uma cultura livre, não me ocorre técnica melhor para trabalhar com vistas a esse objetivo, enquanto ao mesmo tempo se experimentam alguns de seus benefícios aqui e agora.

Em suma, o realismo exige não só que desistamos de *esperar* “A Revolução”, mas também que desistamos de *desejá-la*. “Sublevação”, sim – com a maior frequência possível e mesmo com o risco da violência. O *espasmo* do Estado Simulado será “espetacular”, mas na maioria dos casos a melhor e mais radical tática será recusar tomar parte na violência espetacular, *retirar-se* da área de simulação, desaparecer.

A TAZ é um acampamento de uma guerrilha ontológica: ataque e saia correndo. Continue movimentando a tribo inteira, mesmo que sejam apenas dados na internet. TAZ deve ser capaz de defesa; mas tanto o “ataque” quanto a “defesa” deveriam, se possível, esquivar-se da violência do Estado, que já não é mais uma violência com *significado*. O ataque é feito a estruturas de controle, basicamente contra ideias; a defesa é a “invisibilidade”, uma *arte marcial*, e a “invulnerabilidade” – uma arte “oculta” dentro das artes marciais. A “máquina de guerra nômade” conquista sem ser notada e se movimenta antes que o mapa possa ser ajustado. Quanto ao futuro, apenas os autônomos podem *planejar* a autonomia, organizar-se para ela, criá-la. Trata-se de uma operação que se faz independentemente, com pouco ou nenhum auxílio externo. O primeiro passo é algo semelhante ao *satori* – a conscientização de que a TAZ começa com um simples ato de conscientização.